

Luís Oliveira Ramos Depoimento
de um Universitário

Jorge Fernandes Alves

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 21-28

Luís Oliveira Ramos Depoimento de um Universitário

Depoimento conduzido por Jorge Fernandes Alves *

O Professor Doutor Luís António de Oliveira Ramos aposentou-se como Professor Catedrático do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, colocando termo a uma carreira académica, através da qual granjeou elevado prestígio, desempenhou altas funções em diversas circunstâncias e ocupou o mais elevado cargo universitário, pois foi eleito Reitor da Universidade do Porto e designado como Presidente do Conselho de Reitores. Como investigador, o Professor Oliveira Ramos construiu uma obra de referência no panorama historiográfico português, com trabalhos inovadores e incontornáveis no domínio da história política, cultural e social para os períodos da ilustração e do liberalismo, alargando depois o seu labor a outros domínios. Professor emérito, homem de cultura, cidadão vertical, o Professor Oliveira Ramos é também um "tripeiro" por opção, tendo-se o Porto e a sua história configurado como um objecto central no campo da sua reflexão, investigação e produção científica.

Nascido em Braga (1939), licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas pela Universidade de Lisboa (1961), onde se tornou assistente (1961-63), foi no Porto que o Professor Doutor Luís António de Oliveira Ramos se radicou e desenvolveu a sua carreira universitária. Com efeito, integrou o núcleo inicial de docentes que deu vida à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na sua segunda fase, ingressando como assistente em 1963. Aqui realizou o seu doutoramento em 1972 e desenvolveu o percurso académico que o conduziu à cátedra (1979), tendo assumido por diversas vezes a função de Presidente do Conselho Científico. Foi eleito reitor da sua Universidade entre 1982-1985, assumindo o cargo de Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (1983-1985), organismo então institucionalizado. Desenvolveu inúmeras missões internacionais ao serviço da sua Universidade e do Conselho de Reitores, tendo sido representante de Portugal no CERI da OCDE (1986-1988), no CC - PU do Conselho da Europa (1983-1985) e no Comité Permanente da Conferência de Reitores Europeus (1982-1989). Integra a Academia Portuguesa da História, Academia das Ciências e Academia da Marinha. É condecorado com a Grã-Cruz da Instrução Pública, com a Ordem do Infante e Cavaleiro das Palmas Académicas de França.

Na condição de investigador universitário, foi ainda Presidente do Conselho Científico de Ciências Humanas do então INIC e integrou a sua Comissão Executiva, tal como foi chamado a vogal da Comissão dos Descobrimientos, desde 1994, e a Presidente do respectivo Conselho Científico, desde 1999. Foi fundador e é director do CENPA- Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, tendo desenvolvido um amplo papel no estudo e aprofundamento das relações entre o Norte de Portugal e aquela região francesa, aspectos subjacentes ao seu doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Bordéus, em 1985. Foi director de estudos convidado da *École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris (1987). Integra a Comissão Internacional da História das Universidades, desde 1997.

* Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DH

Ao longo da sua produção historiográfica multifacetada, relevam as seguintes linhas: a ilustração e o liberalismo, no âmbito da qual produziu as diversas dissertações da sua carreira académica e se tornou num reconhecido especialista internacional; a história universitária; o Brasil colonial na região paraense; a história do Porto e do Norte de Portugal. De entre as várias centenas de artigos científicos e de livros, avultam títulos como: *O Cardeal Saraiva*, 1971; *O Porto e a Génese do Liberalismo*, 1979; *Sob o signo das "Luzes"*, 1986; *Le Portugal et la Révolution Française*, 1989; *Diário das Visitas Pastorais de D. Frei Caetano Brandão no Pará*, 1991; *História do Porto*, 1994 (direcção e co-autor); "As universidades portuguesas e as universidades europeias", in *História da Universidade em Portugal*, vol.I, tomo II, 1997; *Portuenses na História*, 2001.

Por ocasião desta retirada da docência, e na certeza de que continuaremos a usufruir do seu labor investigativo através da publicação de novas obras, *O Tripeiro*, de quem o Professor Oliveira Ramos é um habitual colaborador, saúda-o e manifesta-lhe o seu reconhecimento. E, sinalizando esta fase do seu ciclo de vida, sente-se honrado com a inserção de um depoimento sobre alguns aspectos do seu percurso universitário, para o qual o Professor Luís Oliveira Ramos amavelmente se disponibilizou.

P - Recuperando um título da sua autoria, podemos afirmar que uma das linhas de força da investigação desenvolvida decorreu "sob o signo das luzes", num campo em que a história das ideias e da cultura se cruza com a história política, relativamente a uma época histórica de transição - do absolutismo para o liberalismo. Com base nas investigações realizadas, como avalia este processo em Portugal, para uns de "progresso da razão", para outros tempos de disciplina e normalização? Que balanço faz da historiografia portuguesa neste domínio?

R - Pelas suas repercussões, desde o século XVIII aos nossos dias o movimento das "luzes", iniciado sob D. João V, activo no pombalismo e em marcha com D. Maria I, a despeito de algumas hesitações e de confrontos com os movimentos de fundo tradicionais, assinala a imparável afirmação dos critérios da *razão* no nosso país.

Para conhecer as implicações desse movimento - a ilustração - desde o tempo da minha dissertação de licenciatura - *Introdução à história do liberalismo em Portugal -1777-1807*, defendida em 1961, como depois na dissertação de doutoramento que em 1971 dei à estampa sobre *O Cardeal Saraiva (1766-1845)* e em trabalhos seguintes, ainda não esgotados em termos de pesquisa e de reflexão, empenhei-me no seu estudo, a despeito das condições adversas existentes em sectores universitários retrógrados. Fui assim desviado da concretização do projecto inicial de doutoramento - *Portugal e a Revolução Francesa*, apresentado ao Instituto de Alta Cultura e por essa instituição aceite em 1962. Se na licenciatura analisei aspectos das correntes ideológicas e culturais com base sobretudo na literatura, nos arquivos das mesas censórias, da Inquisição, da Intendência da Polícia, em ordem a travejar a génese do movimento liberal, na tese doutoral, procurei documentar a meditada trajectória de um personagem sinalético desde o pombalismo até ao advento e afirmação do regime liberal, o mesmo é verificar, através da sua existência, como do Antigo Regime se transita para o liberalismo. Os volumes apontados, seleccionados em textos ou no todo editados, configuram, no país, uma investigação pioneira, original e até aí não sistematicamente desenvolvida, como alguém assinala e as datas provam.

Logo depois, a grande dinamização sobre questões idênticas ou afins deve-se às hipóteses e temas, objecto de pesquisas realizadas de longa data, na quietude dos arquivos e das bibliotecas, pelo Prof. José Sebastião da Silva Dias e ulteriormente insufladas aos seus discípulos e originais continuadores, em Coimbra e em Lisboa, respectivamente na Faculdade de Letras e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. A exprimir essa labuta, levada a cabo em múltiplos quadrantes, aí estão as revistas e os livros de início publicados, através dos Centros do INIC por aquele doutíssimo professor criados, a seguir encabeçados por LReis Torgal e J.Esteves Pereira. Aliás, Silva Dias e AH. de Oliveira Marques renovaram e desenvolveram o conhecimento histórico concernente à maçonaria, cujos processos eu, em parte, varejara antes de 1961. A propósito, não se esqueça, mais longe no tempo, a tese e os ensaios de Albert Silbert na Universidade francesa e a dissertação de doutoramento de Victor de Sá, desde 1974 professor da Faculdade de Letras do Porto. Destaque

merecem ainda, na Faculdade de Letras de Lisboa, a dissertação de doutoramento e os trabalhos de José Manuel Tengarrinha, etc. Em matéria de doutoramentos, pontos altos da produção histórica decorrem das teses de José Esteves Pereira, Zília Osório de Castro, Fátima Nunes, Isabel Vargues, Fernando Machado, a que se somam os estudos de José Eiras Capela e Norberto Cunha, realizados na Universidade do Minho. E mais longe não vou por me faltar espaço.

P- O fascínio pelo estudo do liberalismo e suas configurações, em paralelo com a aposta no conhecimento de personalidades liberais, com destaque para essa figura prestigiada do Cardeal Saraiva, foi também uma constante das suas preocupações, tanto mais significativa quando esses interesses ganharam forma durante um tempo politicamente avesso a "liberalidades". Como explica este interesse historiográfico e a importância dos estudos realizados (de resto, em paralelo com outros sobre democracia e socialismo, sobre revoluções, os franceses ou os livros proibidos) ?

R- Suponho que parte da dilucidação desta questão consta da resposta anterior no que respeita à motivação dos meus trabalhos. Todavia, eles partem de uma atitude vital, a saber o desejo de conhecer a aventura histórica da ideia de liberdade, quer na sua afirmação liberal-monárquica, quer na sua expressão democrática-republicana, quer ainda no âmbito das democracias livres, num tempo em que estas vicejavam além fronteiras e por último tiveram expressão em Portugal, estando ausentes da vida política do país nos primeiros decénios da minha vida. Com a agravante seguinte e eminentemente sugestiva quanto à curiosidade a respeito do passado: pertenço, pelo ramo materno, a uma família de próceres nortenhos da república democrática, deputados às Constituintes de 1911, com exercício noutros altos cargos, a exemplo de diversos próximos familiares e amigos seus. Ora fui educado, por meus pais, conforme herança expressa, no respeito pela sua acção cívica, no respeito pelos outros, como ainda no culto da família à luz dos valores cristãos, facto a que junto uma significativa convivência com a filosofia existencialista e com o personalismo de Mounier desde a passagem pelos bancos da Universidade.

Por outro lado, na Faculdade de Letras de Lisboa, o núcleo de ensino e investigação comandado pela Prof Virginia Rau e dinamizado pelos seus assistentes de então, A. H. de Oliveira Marques e Jorge Borges de Macedo, com relevo para o primeiro, apadrinhou os estudos que realizei e queria desenvolver sobre as "luzes" e em particular sobre as origens do liberalismo, sobre Portugal e a Revolução francesa, a despeito do declarado pendor desse núcleo pela história económica, nessa época.

Para o bom desempenho de tal tarefa beneficiei do clima de leitura e aliciante troca de ideias que ao longo dos anos meu pai, o Dr. Feliciano Ramos, vários familiares (meus tios, Dr. José de Oliveira Faria e Dr. Luís Amaro de Oliveira) e eu próprio entretecemos já em tempo lectivo, no final do liceu, já em tempo de férias, até ao termo do nosso estimulante convívio ditado pela doença e pela morte.

Se como estava previsto, infelizmente não estagiei em França com o Prof. Jacques Godechot, amigo de Virginia Rau, especialista da Revolução Francesa, e cuja obra - *La Grande Nation* (1956) - muito me influenciou, a verdade é que tive bons mestres em Portugal, entre os quais me marcou a convivência, enquanto assistente, com Vitorino Nemésio, espírito fulgurante, e com José António Ferreira de Almeida, senhor da inteligência fulgurante das relações históricas. A diversidade de tendências assim auscultadas conduziu-me a perspectivas próprias, já apontadas nas questões que formulou.

Curiosamente, não fui, a França como bolseiro, fui a França ensinar sobre as "*Luzes*" e a *Revolução*, em 1987, a convite do saudoso Jean Aubin, da Ecole Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales. Nos estudos a que me dediquei, depois da transferência da Universidade de Lisboa para a Universidade do Porto (1964), não devo esquecer os catedráticos de História da Faculdade de Letras local, que me precederam, os Profs. J A Ferreira de Almeida e António Cruz, pois abriram-me as suas bibliotecas, apontaram-me autores e documentos a explorar, deram-me ânimo para concluir a dissertação de doutoramento, em ocasião de serviço lectivo excessivamente pesado e quase insuportável pela sua diversidade. Devo vincar a atenção, o saber partilhado, a estima com que seguiram as minhas sucessivas opções, mesmo se impostas por outrém.

P - O Norte de Portugal mereceu-lhe diversos estudos, tendo-se empenhado ainda nas relações regionais com o exterior, ou seja, com o Brasil, a Espanha, mas, sobretudo, com a Aquitânia (França), tendo mesmo constituído um centro de investigação para aprofundar estas últimas - o CENPA - Centro de Estudos Norte de Portugal-Aquitânia, centro que continua a dirigir. Como perspectiva este tipo de relações e que importância assumem ao longo da história?

R - O Norte interessa-me por uma razão simples: eu sou pelos quatro costados um minhoto da velha Província de Entre-Douro e Minho, região com papel determinante na formação de Portugal e deu nome ao Reino, cuja cidade maior é, sem dúvida Lisboa, a sua capital, figurando o grande burgo do Porto como seu contraponto provincial desde o século XVIII. Ora, estas duas cidades, onde exerci o magistério, universitário são desde sempre focos de irradiação transeuropeia e transcontinental, aspecto que necessariamente marca o universalismo próprio da Universidade e caro aos portugueses. De resto, até à ida para a Faculdade de Letras, estudei em Braga, minha cidade natal, famoso centro religioso e de emigração, naturalmente articulada com outros mundos, e não longe, embora não muito próxima, da vizinha Espanha. Além disso, sou filho de um intelectual, crítico literário, virado para o espaço português, mas também professor de língua e literatura francesa, profundamente marcado pelos escritores e filósofos da França, que pude ler e apreciar desde a juventude, graças à biblioteca paterna e aos bons livros de meu tio, Dr. José Albuquerque de Oliveira, dono este de parte substancial da bibliografia seguida na licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas que fiz em Lisboa e onde acabamos juntos o curso.

Quanto às relações com o Brasil, as primeiras resultaram da passagem de antepassados meus pelo Brasil e do relacionamento, em período mais recente, com a minha colega de Faculdade, depois Professora da Universidade de S. Paulo, Doutora Maria Beatriz Nizza da Silva e com outros colegas brasileiros, que muito prezo e considero. Por último, os 500 anos da chegada de Cabral ao Brasil levaram-me a pesquisar sobre o nosso D. Pedro IV e sobre o Brasil dos séculos XVII a XIX, em especial.

O incremento das relações entre o Porto e a Universidade Michel de Montaigne de Bordéus e ainda com a sua Maison des Pays Ibériques decorreram do conhecimento travado com o investigador francês, do C.N.R.S., François Guichard. Tal contacto, proporcionou-o o então reitor da Universidade do Porto, Prof. Armando Campos e Matos, a propósito das indagações de Guichard para o seu doutoramento sobre o Porto, por ocasião do Congresso *O Porto na Época Moderna* (1979), em ano próximo da geminação entre as cidades de Bordéus e do Porto que urgia dinamizar no campo universitário. Ao trocarmos impressões, chegamos rapidamente a acordo quanto a projectos científicos a incrementar, antes acalentados por François Guichard e J.M. Pereira de Oliveira (da Faculdade de Letras de Coimbra). Por isso, ainda durante o Congresso, foi possível definir temas de trabalho e modalidades de realização em convénio assinado já pela Universidade de Bordéus III (hoje chamada Michel de Montaigne), já pela Universidade do Porto, e firmada pelos respectivos Presidente, o hispanista Joseph Perez e pelo nosso Reitor, de forma a constituir o CENPA - Centro de Estudos Norte de Portugal-Aquitânia, com poios sediados nas duas urbes, que ainda agora existe.

Quanto à Espanha, conheci melhor as suas regiões e em especial a Galiza, em reuniões bilaterais e internacionais, durante os anos em que fui Reitor da Universidade do Porto (1982-1985). De par, a trilateralidade aconselhada a projectos na área da Comunidade Europeia, protagonizados por colegas de Bordéus e de universidades francesas, de universidades de várias regiões espanholas e de diversas universidades portuguesas, animados, entre outros, por François Guichard, com polo no CENPA, conferiu interesse maior às minhas preocupações de investigador.

Relativamente às perspectivas das relações internacionais, devo dizer que o bom entendimento entre investigadores é mais importante que a letra de qualquer documento legal, como relevante se me afigura a descoberta de temas de interesse comum e a discussão atempada dos resultados alcançados. As *Jornadas de Estudo* quinquenais do CENPA mostraram-se deveras úteis para os efeitos apontados. Fonte de sugestões, revelaram-se as mesas redondas sobre a *Viticultura* das duas regiões (1981) sobre *Objectividade - subjectividade em torno das minorias religiosas e do pensamento* (1996), sobre *Mamonas das Fronteiras. O Contrabando e outras histórias* (1997), pois originaram, as duas primeiras, grupos ou seminários de estudo desenvolvidos na Faculdade de Letras.

Apesar de eu ser desde o princípio o Director do CENPA, com sede no Porto e François Guichard, o Subdirector do polo de Bordéus, funcionando o Presidente Pérez e Fernando de Sousa como Vogais e Pereira de Oliveira, como Secretário Geral, a par de Rosa Fernanda Moreira da Silva, a verdade é que Guichard assumiu um papel relevantíssimo no desenvolvimento de todas as iniciativas levadas a cabo, graças ao seu amor por Portugal e pela França, à sua alta craveira intelectual, ao seu dinamismo e imaginação, aguçado pela ligação ao Porto, terra natal de Delfina Guichard, sua mulher, cidade que ele conheceu e estudou com proficiência, nos tomos de *Porto, la ville dans sa région* e no capítulo final da *História do Porto* (3ª edição, 2001). Daí a perda terrível decorrente da sua morte trágica e inesperada, em fins de Março último. Esta baixa obriga-nos a respeitar e desenvolver uma herança intelectual.

Em conclusão, necessária e imaginativa deve ser a relação com a vizinha Espanha e suas regiões, com o Brasil e com a França onde tantos portugueses se instalaram para sempre, independentemente dos contactos correntes com os países da União Europeia, de outras zonas do Globo, significativas no âmbito científico

P-A "História do Porto", cuja coordenação assegurou, veio a ser uma das publicações com maior êxito editorial, dada a penetração que teve junto do público, apresentando já três edições. A história da Cidade mereceu-lhe também numerosos estudos, que ajudam a compreender a urbe portuense e a sua identidade. O que é o Porto, numa perspectiva histórica?

R- Debrucei-me sobre *O Porto e as Origens do Liberalismo* e sobre o papel da cidade na trajectória política do rei D. Pedro IV ou ainda sobre as relações do Porto com Bordéus e importância dos vinhos, por exemplo. Dirigi a *História do Porto* e nela colaborei para melhor entender o Porto e os portuenses, acompanhado por um grupo de colegas e antigos alunos e ainda pela inestimável intervenção de François Guichard sobre a cidade dos nossos dias.

Sem de nenhuma forma buscar originalidades para definir a cidade, ela é para mim um lugar activo, de liberdade, com ambiente propício ao estudo e à reflexão, em múltiplos aspectos ligada ao exterior, a começar pelo comércio do vinho, inserida pela economia e identidade na região que encabeça e cuja dimensão favorece um viver austero e recatado, quanto favorável à juventude apanágio da inventiva e do culto pelo rigor. É pouco, é muito, não é assim? Assim vejo eu o Porto.

P- As universidades e o ensino universitário, eis outro tema omnipresente, através do estudo histórico aliado a um conhecimento pessoal das suas virtualidades e debilidades. Como situa a Universidade do Porto face ao contexto universitário português e internacional?

R- Conheci bem o conjunto de escolas da Universidade do Porto quando fui Reitor, entre fins de Janeiro de 1982 e princípio de Dezembro de 1985, ou seja durante quase quatro anos, em que se iniciaram movimentos e iniciativas tendentes a criar sinergias com o exterior e nexos entre a Universidade do Porto e o mundo das actividades envolventes. Neste último aspecto assumiu papel importante, no plano nacional, o ministro da Indústria, Prof. Veiga Simão, bem como alguns jovens professores de diversas faculdades portuenses, com o apoio de um ou outro professor mais experimentado.

Ontem como hoje, defendo que é indispensável a harmonização entre o ensino e a pesquisa na Universidade, a par da sua ligação com as actividades técnicas e económicas. Urge garantir a investigação pura e dela tirar as necessárias e possíveis utilizações com interesse para a comunidade. Por exemplo, a Universidade e a indústria constituem dois mundos diferenciados, mas do seu entendimento resultaram benefícios incalculáveis nos Estados Unidos, e cinjo-me a um único exemplo. Essencial é não tornar a Universidade simples refém das encomendas mercantis ou do mercado do trabalho. A este título a Universidade do Porto, até pela sua situação e potencial, está em condições de explorar convenientemente tais caminhos. E deve deixar de ser um conglomerado de escolas especializadas, senhoras de si pelo que valem, para percorrer as sendas da cooperação no livre exame, na criatividade, na inovação e na atenção aos valores da pessoa humana que não são os da pecúnia ou do mercado livre, mas obrigam a uma gestão de qualidade, ao mesmo tempo aberta,

plurifacetada, e atenta aos outros.

O que escrevi na conferência de reflexão, "A Universidade em Tempo de Cooperação: A Função da Cultura", guarda actualidade. Bom será que os nossos universitários conheçam os tempos de imparável mudança em que vivemos e os desafios daí decorrentes, como aconteceu com tantos portuenses em épocas não menos várias do passado, pois lograram encaminhar-se, com sentido das realidades, para o futuro e proceder à sua construção. Fundamental parece-me encontrar para os problemas novos, para as realidades futuras, novos métodos, sem recair nos antigos, pois impediram mudanças vertiginosas.

P- Como académico, desenvolveu uma actividade persistente na gestão universitária, em diversos cargos na Faculdade, em comissões interuniversitárias, como Reitor da Universidade do Porto, como Presidente do Conselho de Reitores. A longa vivência da gestão universitária cria-lhe condições para uma perspectiva de longo alcance do fenómeno universitário. Como vê a Universidade de hoje e os seus problemas? Que mensagem deixar aos universitários?

R - O direito de acesso ao ensino superior e a igualdade de oportunidades estão fora de causa. Quem busca a Universidade bater-se-à, com energia e qualidade, para ultrapassar as barreiras que a devem preservar. A massificação e a facilidade configuram situações a vencer em nome da especificidade do saber universitário. O problema central reside em verificar se, adaptando-se às mais prementes necessidades sociais, a Universidade consegue escapar à secundarização economicista, guardando um lugar ímpar na investigação e ensino mais alto e necessariamente entrosado no mundo a que pertence. Guardo esperanças sérias de que se trata de um desafio para vencer.

Nota: Este depoimento foi originalmente publicado na revista « O Tripeiro»